COMUNICAÇÃO

O NAUFRÁGIO DO MARIALVA: Ainda inédito de Tomás Antônio Gonzaga

Ronald Polito

“queimei o coração, que He mais q'. tudo (...)
Ah como estou diverso!”
(fragmento do poema)

INTRODUÇÃO

A obra de Tomas Antonio Gonzaga continua a exigir um tratamento editorial mais minucioso com vistas ao estabelecimento definitivo de todos os seus textos. Autor usualmente conhecido pelos poemas que dedicou a Maria Dorotéia - os poemas reunidos sob o título *Manila de Dirceu* -, Gonzaga escreveu ainda as formosas *Carlos Chilenas*, cuja autoria não é mais um fascinante problema crítico. Mas Gonzaga escreveu também outros textos em geral desconhecidos mesmo pelos interpretes de sua literatura. Dentre eles anotamos seu *Tratado de Direito Natural* e sua *Carta sobre a Usura*.

Afora esses trabalhos, a tradição crítica veio - lhe imputando, entre outros, a autoria de um *Tratado sobre a Educação*, um poema a Virgem Conceição e um poema sobre o naufrágio do Marialva, navio português que naufragou em Moçambique na primeira década do século XIX. Ainda hoje seu *Tratado sobre a Educação* continua perdido, mas o poema sobre o naufrágio do navio Marialva, localizado a algumas décadas pelo historiador e filólogo Rodrigues Lapa, deve ser reunido as suas Obras Completas, sem o que as interpretações de sua vida e de sua obra podem permanecer parciais ou insuficientes.

Esta comunicação visa dar uma breve noticia sobre o poema e informar acerca dos procedimentos adotados para seu estabelecimento, pois *O Naufrágio do Marialva* ainda continua inédito e desconhecido pela maioria dos estudiosos da área e nunca chegou a ser publicado integralmente.

1. BREVE HISTÓRICO DO POEMA

É necessário reafirmar que o trabalho desenvolvido por Rodrigues Lapa em torno do estabelecimento de texto da obra de Tomás Antonio Gonzaga continua ainda hoje sendo um marco não superado. Por ironia do destino, foi preciso que a obra e a biografia do poeta esperassem 150 anos para que um conterrâneo seu viesse ao Brasil e solucionasse a maioria dos problemas inerentes ao estabelecimento de seus textos, coisa que a intelectualidade brasileira não foi capaz de fazer com o mesmo apuro no período anterior e, depois de Rodrigues Lapa, pouco avançou no sentido de aperfeiçoar ainda mais seu trabalho.

E como complemento deste empreendimento arquitetônico que foi o de Lapa em torno da obra de Gonzaga, o historiador e o filólogo português ainda foi agraciado com o que ele considerou uma das maiores felicidades de sua vida de pesquisador: encontro, entre os manuscritos da Biblioteca Nacional, em 1967, do poema inédito de Gonzaga *O Naufrágio do Marialva*. Este poema, adquirido pela Biblioteca Nacional em 1910 de um particular parece nunca ter sido visto por nenhum estudioso brasileiro até esta data e mesmo depois dela. Em outros termos: simplesmente nenhum de nossos intelectuais chegou sequer a verificar o fichário da Biblioteca Nacional, já que o encontro do poema por Lapa não foi fruto de uma busca intensa, pois o mesmo lá se encontrava catalogado e aguardava apenas de que alguém abrisse uma gaveta de fichário...

Desde meados do século passado se tinha notícias de que Tomás Gonzaga havia escrito o poema *O Naufrágio do Marialva*. Essa informação consta em histórias literárias e em edições de obras de Gonzaga, como na edição de *Marília de Dirceu*, de 1862, organizada por Joaquim Norberto, ou no livro *Filinto Elísio e os Dissidentes da Arcádia: a Arcádica Brasileira*, de Teófilo Braga. Com a virada do século parece que este poema caiu no esquecimento e mesmo depois de ser encontrado por Rodrigues Lapa não é mais referenciado nas obras atuais de história literária. Confirma-se, entre outros, sua ausência na obra de José Guilherme Merquior, *De Anchieta a Euclides: Breve História da Literatura Brasileira*.

O sucinto e primoroso artigo que Rodrigues Lapa publicou sobre o poema de Gonzaga, no Suplemento Literário do *Minas Gerais*, em 1^o de junho de 1967, e referencia obrigatória para o trabalho de estabelecimento deste texto. Nesse artigo podemos encontrar não apenas um breve relato acerca do naufrágio do navio Marialva, as possíveis motivações que levaram Gonzaga a escrevê-lo e a transcrição de algumas dezenas de versos do poema, como igualmente o deslindamento de um problema autoral. Com efeito, o autor conclui que o poema de Gonzaga dedicado a Virgem Conceição, referido anteriormente entre os inéditos do poeta, não é nada mais que uma parte do próprio poema *O Naufrágio do Marialva*, pois o primeiro canto do *Naufrágio* é dedicado a Virgem a modo de uma oração para que proteja os navegantes portugueses. No mesmo artigo, Lapa indicara sua intenção de "preparar o texto para uma edição crítica", o que ainda não tivera "ocasião de fazer". Ao que nos consta, consultando os estudos biobibliográficos sobre Rodrigues Lapa, esse trabalho nunca foi realizado. É exatamente esta a tarefa que nos propusemos desenvolver.

2. O NAUFRÁGIO DO MARIALVA E A OBRA LITERÁRIA DE GONZAGA

A. A Obra Literária

A importância do poema *O Naufrágio do Marialva* para a compreensão da obra e da biografia de Tomás Antonio Gonzaga não deve ser minimizada. Apesar da avaliação de Rodrigues Lapa com a qual concordamos, ao considerar o poema do ponto de vista literário³ sem maior significação, o autor adverte sobre a relevância do mesmo para uma melhor compreensão da biografia de Tomás Gonzaga, sendo o único texto literário que nos restou do período em que viveu em

Moçambique (1792-/1809/). Afora este fato, evidentemente, algumas passagens do poema não estão isentas de certa qualidade estética, principalmente aquelas em que o autor descreve grandes panoramas marítimos.

É necessário anotar o significado do mar e das peripécias marítimas na obra de Gonzaga em sintonia com aquilo que poderíamos considerar uma particularidade da mentalidade portuguesa do período moderno - o fascínio pelas grandes aventuras marítimas -, o autor, tendo cruzado o Atlântico pelo menos 4 vezes durante sua vida, parece ter guardado fortes impressões dessas viagens. Isto pode ser verificado por mais de um poema no livro *Marília de Dirceu* em que ele nos traça grandes quadros marítimos e nos revela conhecimentos náuticos adquiridos como que a espera de se manifestarem mim vasto painel épico. É assim que podemos ver o poeta buscando preparar Marília para cruzar com ele os mares e ir ao encontro de seus "saudosos lares", como no poema 55 das *Obras Completas* (edição de 1957):

Veras ao deus Neptuno, sossegado,
aplainar co tridente as crespas ondas;

ficar como dormindo o mar salgado;
verás, verás d'alheta
soprar o brando vento;
mover-se o leme, desrinzar-se o linho,
seguirem os delfins o movimento,
que leva na carreira
o empavesado pinho.

Alguns outros poemas do período em que viveu em Vila Rica ainda pintam cenas marítimas, mas o exemplo é suficiente para essas considerações. O que desejamos indicar é esse fio de continuidade entre seus poemas e que desemboca em seu empreendimento épico que é *O Naufrágio do Marilva*. Igualmente, a relevância desse poema não se restringe estritamente a compreensão de suas relações com o restante da obra poética de Gonzaga, nem tampouco com sua biografia, pois também importa observar que o mesmo deve ser inserido no quadro da poesia épica arcádica no Brasil e em Portugal da época.

Deve-se ressaltar este aspecto ou faceta do autor: tendo composto uma obra épica, Tomas Antonio Gonzaga revela-se possuidor de uma prática poética plural, além do fato de nos ter legado textos não literários em sentido estrito. Sua obra literária, portanto, inclui textos poéticos nos mais diversos registros no interior do Arcadismo: poemas encomiásticos, líricos, bucólico-pastoris em sentido estrito, o longo e híbrido poema trágico-herói-cômico que são as *Cartas Chilenas* e, por fim, este poema épico.

B. O Poema

O Naufrágio do Marilva é um texto incompleto, como aliás quase todo o restante de sua obra literária ou não. Restou-nos um fragmento (cerca de oitocentos versos) do que pode ter sido um poema épico com aproximadamente dois mil versos decassílabos brancos. Nele é descrito o périplo do navio português Marilva que afundou na entrada de Moçambique em 1802.

Segundo Lapa, o poema não foi escrito logo após o fato. Gonzaga, que conheceu inclusive sobreviventes do desastre, só o teria feito após 1808. Os motivos que levaram o poeta a retornar aos versos são difíceis de avaliar. No entanto, parece razoável, como sugere o mesmo Lapa, ter em mente

a fuga da família real portuguesa para o Brasil como possível elemento a compor a motivação de Gonzaga quando representa epicamente a "missão" portuguesa pelos mares e "avalia" o seu destino histórico.

Do poema restaram-nos dois fragmentos do Canto I² e os Cantos 3⁵ e 4⁹. Ainda não foi encontrada certamente a sua parte mais importante, o Canto 5^o, em que seria descrito o naufrágio do navio, quando Gonzaga lançaria mão do melhor que tinha para a pintura da grande cena final. O Canto I⁸, como se disse, e uma invocação a Virgem Conceição para que proteja o poeta e os navegantes em sua missão. Um dos fragmentos do canto já anuncia a confrontação mitológica principal que perpassa todo o poema: a luta entre Venus e Palas em suas tentativas de levar os Portugueses aos prazeres ou aos trabalhos.

O Canto 2^o provavelmente descreveria a partida do navio de Portugal, a viagem pelo Atlântico, sua chegada ao Rio de Janeiro e o encontro de Venus com os navegantes, quando ela lhes prometeria os prazeres da cidade. O Canto 3² narra a intervenção de Palas, que busca levar os Portugueses a fugir dos prazeres e fazer jus a memória dos "bons patrícios" e seu passado de conquistas e glórias. Em realidade, consoante a diversos outros textos do autor, o longo discurso de Palas, a ocupar quase todo o canto, estrutura-se segundo comparações históricas, mitológicas e argumentos lógicos bebidos na retórica do tempo, todos recorrentes em sua obra.

Venus, indignada pela vitória momentânea de Palas, arma uma emboscada para os navegantes. Mal os Portugueses levantam ancora para partir da Cidade do Rio, Venus procura o nome "que preza no porto" e lhe pede que, em vingança, quebre o navio sobre as pedras. Toda a cena é muito interessante porque a primeira tentativa de afundamento do navio ocorre precisamente na Ilha das Cobras, lugar que Gonzaga conhecia por certo com precisão, tendo passado ali quase três anos preso. A divindade do porto toca as águas com o cetro e

as agoas correm
com força nunca vista, e arrebatão
o grande Marialva sobre as pedras,
que rodeão a Ilha delatada,
que dá grande cidade está defonte,
e he uma fortaleza guarnecida,
que da Ilha das Cobras tem o nome.
O navio se salva por influxo
da portectora Palas: vai dar fundo
num lugar a saída acomodado
que o Poço se appellida: novamente
as agoas o arrebatão, e vão pollo
em cima da restinga pedregoza
que parte com huma ilha inculta,
e breve que o nome tem dos Ratos.

O Canto 4^a narrara basicamente as tentativas sucessivas de Venus em fazer mal aos Portugueses. Mas com um porém: não destruindo-os de um único golpe, como a deusa esclarece, "porque quero acaballos pouco a pouco / ao pezo successivo dos trabalhos, / que he mal inda peor q'. a mesma morte". Neste canto estão as melhores cenas marítimas do poema, a antecipar o que o poeta nos reservaria para o naufrágio propriamente dito.

Para Rodrigues Lapa, o poema de Gonzaga indicia o quanto ele estava mudado. É o próprio poeta que nos diz no Canto 1^o: "queimei o coração que he mais q'. tudo", para versos a frente exclamar: "Ah como estou diverso! Muitas vezes / depois da fea noite tormentosa / apparece a

manhã serena, e limpa, / seguida por hum sol ardente, e claro." Igualmente, o fato de Gonzaga abandonar Venus, a antiga divindade adorada pelo poeta nos versos para Marília, e aproximar-se de Palas como deusa protetora dos Portugueses, indica não apenas uma oposição visível a *Os Lusíadas*, mas igualmente o distanciamento de sua antiga orientação pelos prazeres e a opção por uma deusa que é símbolo de contenção racional e equilíbrio. Por fim, o fato de Gonzaga riscar certos versos talvez ousados do poema e sobrepor-lhes uma visão austera, apolínea, e interpretado por Lapa como sinal de abandono de sua antiga orientação mais sensual.

Aqui não é o espaço para podermos discutir com minúcias o encaminhamento geral que Lapa imprime a sua interpretação do poema. Anotamos apenas que os poucos elementos indicados por Lapa não nos parecem suficientes para concluirmos acerca de uma mudança do poeta. Lembramos inclusive a insistência com que Lapa sempre buscou encontrar exatamente os elementos desta mudança, sem nunca tê-los detectado claramente.

Desse modo, se Marília sempre foi comparada a Venus e Cupido, sendo mesmo mais poderosa que ambos, a pastora de Dirceu também foi comparada a Apolo, divindade que, do ponto de vista dos valores que representa, se aproxima de Palas. Por outro lado, Gonzaga parece ter sido um poeta que sempre buscou a adequação de certas representações em relação ao gênero poético que praticava, o que pode explicar não apenas a adoção de Palas como deusa protetora dos Portugueses, como também a maior contenção do poeta na descrição de cenas sensuais, o que talvez conviria melhor ao seu empreendimento épico.

É possível, de antemão, indicar as principais linhas de força interpretativas que buscaremos imprimir ao poema. O navio Marialva, como metáfora do próprio reino português, não poderia ter outro destino que não o naufrágio, tal como Portugal, que, abandonado por D. Maria I e a corte, e deixado a mercê da invasão napoleônica. Igualmente, ao refazer o itinerário seguido pelo poeta, o Marialva se transforma talvez em metáfora da própria biografia de Gonzaga. Se o navio não afundou na Ilha das Cobras, ele vai encerrar seu périplo exatamente em Moçambique, onde o poeta viveu seus anos de degredo. Tomás Gonzaga não teria mudado de modo significativo, ainda que terminando seus dias possivelmente mais cético e pessimista em relação a sua pátria, o que dificilmente viremos a saber com maior certeza sem estarmos de posse da conclusão do poema e de novos documentos esclarecedores sobre o período moçambiquenho do autor. Por fim, e como metáfora efetivamente exterior ao texto, e o próprio poema enquanto fragmento, enquanto ruína, que pode ser tornado como vítima de um naufrágio, esperando ser um dos sobreviventes da história.

3. PARA O ESTABELECIMENTO DE TEXTO: TRACOS GERAIS

Em primeiro lugar, queremos chamar a atenção para um fato de suma importância. Sendo o segundo poema autógrafo de Tomas Antonio Gonzaga (o primeiro autógrafo e o poema dedicado a D. Maria I em 1777 e constante em reprodução fac-similar no segundo volume das *Obras Completas* de 1957). *O Naufrágio do Marialva* adquire um significado especial. A rigor, esta peça documental, juntamente com o outro autógrafo, se transforma no meio mais eficaz de cotejamento e comprovação acerca da autoria dos outros poemas de Gonzaga, *Marília de Dirceu*, as *Cartas Chilenas* e demais poesias, dado que estes textos são, no limite, apócrifos.

Em se tratando de um poema quase inteiramente inédito, esta por ser feito todo o trabalho de estabelecimento de texto, trabalho este que deve abarcar a um só tempo aspectos gerais e específicos, no sentido da preparação de uma edição crítica para o poema.

Como primeira etapa será efetuada a identificação detalhada do manuscrito, seu histórico, descrição sumaria de seu estado de conservação, formato, caligrafia, tinta, papel, datação etc. Nesta

etapa será efetuado também o levantamento sistemático referente ao afundamento do navio Marialva em Moçambique, através da imprensa da Corte e dos Relatórios do Intendente da Marinha e Armazéns Reais da

Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos.

Concomitante a identificação, vem sendo desenvolvida sua transcrição diplomática (paleográfica) a partir de microfílmes cedidos pela Biblioteca Nacional. A transcrição visa indicar todas as variantes internas ao texto, mapear lacunas, interpolates, detalhes de ortografia e pontuação divisão em estrofes, medida dos versos etc. Para esta transcrição utilizamo-nos de outros autógrafos do autor, como o poema dedicado a D. Maria I anteriormente referido, e documentos seus no exercício de funções públicas. Os procedimentos finais adotados, bem como as indispensáveis normatizações advirão necessariamente da adoção de algumas regras gerais a esse tipo de trabalho e da utilização de bibliografia específica, adaptadas as particularidades do próprio texto. Nesta etapa do trabalho contamos com a indispensável colaboração do Prof. Jose Guilherme Ribeiro e, num segundo momento, com o auxílio do Prof. Joaci Pereira Furtado.

A partir dos tipos de edições de textos mais comuns, será possível definir a forma final adotada para a edição do poema. Após a transcrição diplomática, o texto será submetido a uma leitura contemporânea, de ortografia e pontuação, em que a utilização de dicionários e gramáticas, do período e de hoje, é essencial. Com respeito a pontuação, a leitura contemporânea buscará interferir o menos possível na cadência e nas pausas do próprio texto. O leitor terá, portanto, acesso a transcrição diplomática e a leitura atual do poema.

Paralelamente a sua transcrição diplomática e leitura contemporânea, vem sendo coletadas ilustrações diversas visando reunir um conjunto de imagens capazes de familiarizar o leitor com o poema e sua época. Em princípio, a lista de ilustrações conteria: desenhos e plantas do navio *Marialva*; desenhos e informações acerca do naufrágio do navio nos jornais e relatórios da época; reproduções dos principais deuses presentes na trama do poema (Palas, Venus, Eolo, Noto, Netuno, Anfitriote e o Gigante Adamastor), de preferência coletadas da pintura e da escultura rococós e neoclássicas; mapas da baía da cidade do Rio de Janeiro; mapas do porto de Moçambique, etc.

Por fim, será constituído o aparato crítico do texto tendo em vista basicamente: 1. especificações gerais de versificação e metrificação; 2. variantes de versos e de partes do poema; 3. campo de significados das palavras e expressões empregadas; 4. particularidades lingüísticas; 5. campo figurativo da linguagem; 6. graus de intertextualidade entre o poema e outros textos de Tomas Antonio Gonzaga, bem como entre o mesmo e outros poemas épicos do período e da literatura em geral; 7. análise do ideário do poema, comparando-o ao quadro geral das idéias do autor e de sua época; 8. constituição de glossários e índices em tomo das principais referências históricas e mitológicas constantes no poema (pessoas, personagens, lugares, fatos etc).

Este aparato crítico leva em conta, entre outros elementos, principalmente os poemas épicos *Ilíada*, *Odisséia* e *Os Lusíadas* para a verificação de possíveis relações intertextuais entre *O Naufrágio do Marialva* e esses textos, afora os poemas épicos árcades para considerações gerais acerca dos códigos empregados. Pensa-se também em refazer os cotejamentos efetuados por Manuel Bandeira entre *Marília de Dirceu* e as *Cartas Chilenas*, em texto hoje já clássico no que se refere a comprovação da autoria das *Cartas*, verificando os mesmos elementos anotados pelo autor no interior d'*O Naufrágio do Marialva*. Ressalte-se, nesse sentido, o levantamento estatístico de Bandeira relativo a freqüência no emprego de anáforas por parte de Gonzaga, bem como sua comprovação de que apenas Gonzaga, e não Claudio Manuel da Costa, emprega a expressão "desrinzar". E o que se vê no fragmento do poema para Marília citado anteriormente, em uma passagem das *Cartas Chilenas* e, mais uma vez, no próprio *O Naufrágio*: "que se rompão / as velas desrinzadas". Por fim, as diversas particularidades de código inerentes a obra de Gonzaga, anotadas com minúcia por Rodrigues Lapa

e outros intérpretes, permitirão estender ainda mais as relações entre os textos do poeta.